

**A subida.** Projeto para a exposição Avenida Paulista, MASP, 2017.  
Conversa com o curador Fernando Oliva<sup>1</sup>

**Fernando Oliva: Por favor, fale sobre seu projeto para a Avenida Paulista.**

Ana Dias Batista: Cinco helicópteros aceleram simultaneamente. Eles estão pousados em helipontos próximos no mesmo lado da Paulista. Decolam produzindo ruído. Atingem 3.600 pés e, voltados para a avenida, pairam lado a lado. Em seguida, descem em sincronia e alinham-se. Então, o primeiro helicóptero se desloca para a frente e sobrevoa o canteiro central da Paulista. O segundo se desloca quando o primeiro passa por ele; o terceiro, quando passa o segundo. Até que todos desfilam, em linha, lentamente, voando baixo entre as antenas. Quando chegam à rua da Consolação, eles se dispersam. A ação leva cerca de quinze minutos. Seis câmeras realizam a filmagem. O material captado, sem cortes, é transmitido em monitores instalados no Museu.

**FO: Para o desenvolvimento de *A subida*, que elementos chamaram sua atenção na dinâmica da avenida?**

ADB: Eu me interessei pelos acontecimentos logo abaixo e bem acima do nível do chão. Opostos mas espelhados, os espaços subterrâneo e aéreo são ali intensamente ocupados, esquadrihados, normatizados. Olhando para o alto, notei uma segunda topografia sobre os prédios: helipontos e antenas de transmissão se alternavam. As antenas pareciam cumprir sua função, mas os helipontos eram ociosos; ostentavam sua excepcionalidade e a particularidade de nosso arranjo social.

**FO: Durante o processo, você falou em ficção científica. O que nesse gênero a atrai para este projeto?**

ADB: Penso nas cenas iniciais dos filmes de visitas extraterrestres, em que a tensão deriva do fato de não sabermos quem são, o que pensam, o que pretendem os visitantes. Nessas cenas, naves pairam inertes ou se deslocam vagarosamente. O comedimento dos movimentos impõe um caráter sinistro. Os visitantes observam. Se nos filmes suas intenções cedo ou tarde se descortinam, em *A subida* elas permanecem insondáveis e a narrativa se encerra sem que a tensão se dissipe, sem que as motivações se revelem.

**FO: Como você analisa a preocupação com a sincronização dos helicópteros?**

ADB: É a coordenação dos movimentos que possibilita atribuir intencionalidade à ação. E é a presunção de intencionalidade que gera tensão. Se os helicópteros tivessem autonomia, o aspecto sedutor, fascinante dessas supermáquinas se sobreporia ao caráter mais autoritário e intimidador de uma ação em bloco, orquestrada, contida. Ainda que o aspecto sedutor também esteja presente. As paradas militares são uma forte referência.

**FO: Atualmente, a presença de helicópteros nos remete a manifestações no local que sobrevoam. Existiriam vínculos entre sua obra e os fatos da realidade social de anos recentes?**

ADB: Mesmo que não os vejamos, a persistência do ruído já indica que algo “relevante” é monitorado ou registrado. Acho que a primeira reação das pessoas será procurar no nível do chão o acontecimento que justificaria a presença dos helicópteros. E a violência da polícia nas manifestações recentes é um dado importante nas impressões que a ação deve produzir. Por outro lado, as passagens entre arte e realidade social são mais complexas que essas associações de conteúdos, elas dependem de mediações e sedimentação.

---

<sup>1</sup> Publicada em *Avenida Paulista: MASP*, São Paulo: Museu de Arte Assis Chateaubrinad, 2017, p. 80-82

## **Carta ao público<sup>2</sup>**

O projeto “A subida” não será executado.

Vínhamos trabalhando – eu, a produção e a curadoria do museu – desde setembro de 2016.

O museu reuniu a verba para contratação dos serviços de uma empresa de táxi aéreo com larga experiência. Discutimos todos os aspectos da ação e fizemos as adaptações sugeridas pelos especialistas. Conseguimos as autorizações para uso de helipontos privados – FIESP, Citibank, Edifício Comendador Yerchanik Kissajikian. Contratamos equipe de filmagem, fizemos visitas técnicas, elaboramos briefings detalhados. Contornamos muitas dificuldades. A ação estava agendada para 19 de fevereiro.

A empresa contratada e dois outros especialistas externos afirmam que a operação é totalmente segura. Os movimentos previstos são corriqueiros – pouso, descolagem, deslocamento vertical, voo pairado, deslocamento horizontal. A velocidade dos deslocamentos é extremamente baixa, cerca de 30km/h. Cada aeronave tem um plano de voo próprio e o sobrevoo coordenado se dá com os helicópteros enfileirados, de modo que há sempre contato visual entre os pilotos. As alturas mínimas em relação ao solo e as distâncias mínimas entre aeronaves previstas na legislação são respeitadas.

Entretanto, a diretoria do MASP afirma não se sentir confortável com a segurança da operação.

O projeto é exequível. Fica à espera.

Ana Dias Batista  
13/02/2017

---

<sup>2</sup> Carta exibida na exposição e reproduzida no catálogo, p. 81.